

Editorial

TÍTULO: Os Indicadores Bibliométricos Não Podem Ser a Espada de Dâmocles da Ciência Brasileira

Não há dúvida que a ciência brasileira desfruta atualmente de grande prestígio internacional. Isso só foi possível devido ao investimento continuado das agências de fomento à pesquisa e ao papel que a CAPES teve e tem na pós-graduação. Mas, novos paradigmas devem ser alcançados, um deles é mostrar aos jovens que fazem a opção por ciência, que ela é como a arte, deve ser feita com prazer e originalidade. A ciência não pode estar amarrada a números, por mais importantes que sejam os indicadores bibliométricos. Hoje, discute-se mais o número de artigos e patentes, citações, índice H dos pesquisadores do que a qualidade do trabalho. Uma grande parte dos pesquisadores jovens está mais preocupada em atingir estes indicadores do que em fazer ciência de qualidade. Vive-se a tirania dos números.

Toda a ciência de qualidade é feita na base da competição. Ser o primeiro a descrever uma descoberta é o “desejo oculto” de todo cientista. A descoberta dos elementos químicos pode ser comparada a uma grande caçada. Nomes como os de Glenn Seaborg, Albert Ghiorso, Emilio Segrè, Otto Berg, Walter e Ida Noddack, os Curie e muitos outros disputaram a primazia pela descoberta de novos elementos químicos e, com isso, escreveram um dos capítulos mais belos da ciência. A mesma corrida de obstáculos aconteceu com a decifração do DNA, que culminou com a publicação por James Watson e Francis Crick da dupla hélice, na edição de 25 de abril de 1953 da revista Nature.

São exemplos como esses que devem ser apresentados aos que ingressam nos cursos de pós-graduação. Competir respeitando as regras da ética faz parte dos princípios que devem nortear os desafios pela primazia na ciência.

A bibliometria é apenas uma técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico, e como tal deve ser ensinada. Não há dúvida de sua importância

e que ela deve ser aplicada pelas agências de fomento à pesquisa nos julgamentos por pares e nos concursos universitários. Isso, entretanto, não significa que os indicadores bibliométricos tenham de obscurecer a ciência.

Foi notável o patamar alcançado pela ciência brasileira na última década. Ocupar a 13ª posição no ranking mundial como nação produtora de ciência de qualidade é motivo de orgulho para a população brasileira. Mas, o novo salto só vai acontecer quando os estudantes mais brilhantes fizerem da ciência sua profissão de fé. Para que o futuro chegue logo é preciso resgatar a beleza da ciência e valorizar seus desafios, e não fazer dos indicadores bibliométricos a espada de Dâmocles da ciência brasileira.

*Angelo C. Pinto**



*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química, Centro de Tecnologia, Bloco A, CEP 21945-990, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: angelocpinto@gmail.com

Capa: A foto da capa é do professor e surfista Francisco Carlos da Rocha de Barros Jr. Foi tirada ao nascer do sol no estuário do Rio Jaguaripe, em agosto de 2014, na Baía de Todos os Santos. Francisco Barros é professor Associado da UFBA, Ph.D pela Universidade de Sydney (Austrália) e coordenador de projetos de pesquisa desenvolvidos na Baía de Todos os Santos sobre o papel ecológico de invertebrados bentônicos, peixes, corais e manguezais.

DOI: [10.5935/1984-6835.20140099](https://doi.org/10.5935/1984-6835.20140099)